

Das salas de aula às mostras de cinema e educação: curando filmes para turmas de crianças bem pequenas

Wenceslao Machado de Oliveira Júnior 

(Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)

Gabriela Fiorin Rigotti 

(Secretaria Municipal de Educação – SME/Campinas/SP e
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)

RESUMO — Das salas de aula às mostras de cinema e educação: curando filmes para turmas de crianças bem pequenas — Duas perguntas se entrelaçam neste artigo: a primeira questiona sobre como se fazem, costumeiramente, as múltiplas curadorias audiovisuais das equipes atuantes em duas escolas de educação infantil para entreter as crianças em certos momentos da rotina; já a segunda pergunta se faz sobre como experimentar um outro conjunto de obras audiovisuais, no caso com uma seleção de filmes nos quais apareçam crianças bem pequenas e que esteja disponível para acesso público no canal do *Youtube* da *Mostra Kino Campinas*. Nas possibilidades de respostas a estas perguntas, identificamos indícios sobre o modo usual de seleção de obras audiovisuais, bem como novas possibilidades para essa curadoria, abertas pelas produções realizadas nas próprias escolas, com suas outras estéticas não narrativas.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Infantil. Cinema. Curadoria Audiovisual. Mostra Kino. Crianças Bem Pequenas.

ABSTRACT — From classrooms to film and education exhibitions: curating films for groups of very young children — Two questions intertwine in this article: the first asks how the multiple audiovisual curations of teams working in two early childhood education schools are usually carried out to entertain children at certain times in their routine; the second question asks how to experiment with another set of audiovisual works, in this case with a selection of films in which very young children appear and which is available for public access on the *YouTube* channel of *Mostra Kino Campinas*. In the possible answers to these questions, we identified clues about the usual way of selecting audiovisual works, as well as new possibilities for this curation, opened up by the productions carried out in the schools themselves, with their other non-narrative aesthetics.

KEYWORDS

Early Childhood Education. Cinema. Audiovisual Curatorship. Mostra Kino. Very Young Children.

RESUMEN — De las aulas al cine y a las exposiciones educativas: curadurías de películas para clases de niños muy pequeños — En este artículo se entrelazan dos preguntas: la primera pregunta cómo los equipos que trabajan en dos escuelas de educación infantil suelen llevar a cabo múltiples curadurías audiovisuales para entretener a los niños y niñas en ciertos momentos de su rutina; la segunda pregunta es cómo experimentar otro conjunto de obras audiovisuales, en este caso con una selección de películas en las que aparecen niños muy pequeños y que está disponible para acceso público en el canal de *YouTube* *Mostra Kino Campinas*. En las posibles respuestas a estas preguntas, identificamos pistas sobre la forma habitual de seleccionar obras audiovisuales, así como nuevas posibilidades para esta curaduría, abiertas por las producciones realizadas en las propias escuelas, con sus otras estéticas no narrativas.

PALABRAS CLAVE

Educación Infantil. Cine. Curaduría Audiovisual. Mostra Kino. Niños Muy Pequeños.

Introdução

Nas últimas duas décadas, as relações entre cinema e escola passaram por uma verdadeira revolução. O campo de estudos e experimentações com cinema nas escolas brasileiras tornou-se efervescente, gestando a formação de inúmeros grupos e variadas pesquisas pelo país afora, além de engajamentos e conquistas que se cristalizaram na aprovação da Lei 13006, em 2014. Essa lei acrescenta o § 8º ao artigo 26 da Lei 9.394/96, determinando que as escolas de educação básica devam exibir filmes de produção nacional por pelo menos duas horas mensais. Apesar de sua regulamentação não ter sido efetivada, a mobilização que a gestou fez-se reverberar de muitas maneiras em muitos lugares ao longo dos últimos dez anos¹, sustentando diversas iniciativas que intensificaram as relações entre cinema e escola, qualificando, inclusive, produções do “cinema escolar” como componentes dos “filmes de produção nacional” referidos na citada lei.

Uma dessas iniciativas foi o “Programa Cinema e Educação: a experiência do cinema na educação básica municipal”, da cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo, o qual organiza a Mostra Kino Campinas², a qual estará em foco neste artigo.

No entanto, a articulação dessas questões nas relações entre cinema e educação infantil é mais recente³. De modo geral, esses trabalhos se dividem entre relatar e refletir sobre experiências de produção realizadas por crianças pequenas e bem pequenas, discutir curadorias voltadas para esse público e analisar algumas dessas experiências. O foco deste artigo é justamente aproximar uma experiência da outra: a produção realizada nas escolas de educação infantil e a curadoria realizada nas mostras de cinema para crianças bem pequenas, passando pela curadoria das próprias profissionais da Educação Infantil para suas turmas.

Falamos aqui em curadoria no sentido mais amplo possível: o de processo de escolha e seleção de um certo conjunto de obras dentro de um conjunto muito

maior. Ainda que saibamos que ela tem, sobretudo no contexto da arte, uma importância grande e se efetiva como um vasto e intrincado campo de estudos, tomaremos como guias as preocupações, descobertas e experimentações curatoriais do Projeto “Cartografias dos afetos cinematográficos no lugar-escola de Educação Infantil – entre o registro e a arte, entre o humano e o não humano”⁴, e consideraremos as perguntas iniciais colocadas no texto *Curar as imagens para e com as escolas* (Fresquet; Jardim; Nakache, 2024, p. 260):

O que estamos fazendo quando realizamos curadorias para as escolas? Retomamos a pergunta do artista Pablo Lobato na instalação audiovisual *O que Exatamente Vocês Fazem, Quando Fazem ou Esperam Fazer Curadoria?* Essa questão, colocada para o mundo da arte, que inicialmente pode parecer não tocar o universo educativo, é um ponto de partida de nossa reflexão. Quais imagens estão disponíveis em arquivos e cinematecas? Quais são aquelas que estão acessíveis nas redes, e aquelas disponíveis no mundo? Qual é a relação entre elas? E o que faremos com tudo isso nas salas de aula?

Antes, porém, trazemos aqui a citação de um texto que relata o início de uma pesquisa baseada em experimentações com o cinema em escolas de Educação Infantil⁵:

[a]o forçar os professores a produzirem imagens que antes não produziam, ao forçá-los a tornarem-se corpos-câmera, esse novo cinema arrasta esses professores, antes habituados a articular-se com o cinema somente como espectadores ou produtores de registros, à condição de realizadores e os expõem a um outro conjunto de signos expressivos, a uma outra linguagem com a qual seus corpos ainda não se articulam, forçando-os a “agirem (no cinema) sem linguagem”, por meio de “tentativas”. (Oliveira Junior, 2018, p. 14)

Pensamos que são essas imagens, produzidas através de “tentativas” (Delligny, 2009) docentes e discentes, que vêm dando existência ao cinema que emerge nas escolas⁶ e que compõem a maior parte dos filmes selecionados nas mostras de cinema e educação, como a Mostra Kino Campinas e a Mostra Educação, organizada pela Rede Kino durante a Mostra de Cinema de Ouro Preto-CineOP. As imagens que vemos nesses filmes mostram as escolas captadas por mãos pouco hábeis nos signos audiovisuais, sejam elas de crianças ou de pessoas adultas, trazendo para este cinema o frescor daquilo que se faz como brincadeira,

como amadorismo, como gesto não intencional, como equívocos que inventam novos possíveis para o cinema quando ele encontra a escola em geral e a escola de Educação Infantil em particular.

No entanto, em nossa convivência com escolas de Educação Infantil na cidade de Campinas-SP, notamos que não existe o hábito de assistir a estes filmes nas tevês presentes em todas as salas de referência das turmas, desde o berçário às turmas de crianças de 5 e 6 anos. Daí emergiu a primeira pergunta que atravessa este artigo: como se fazem as curadorias audiovisuais que cada equipe educativa disponibiliza às crianças bem pequenas em sua rotina escolar diária?

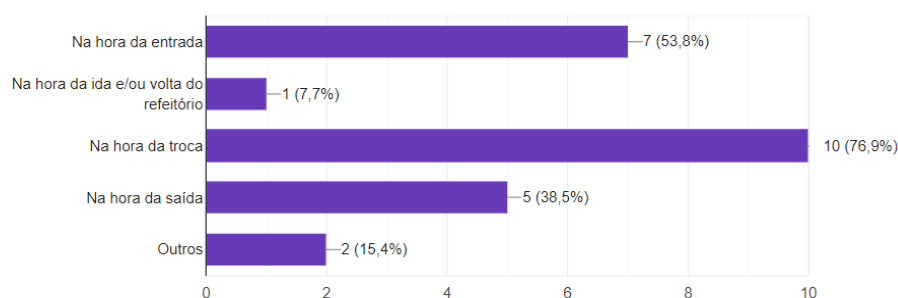
As variadas curadorias das salas e a onipresença do curador *YouTube*

Ao longo do mês de setembro de 2024, realizamos uma pesquisa com as professoras e monitoras das duas escolas públicas municipais, CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant, onde o Projeto “Cartografias...” vem sendo desenvolvido desde março de 2023. Importante apontar que esta pesquisa sobre as imagens que circulam nas tevês das salas de referência não foi desencadeada somente pelos interesses do Projeto “Cartografias...”, mas também, e principalmente, pela necessidade da equipe gestora das escolas de ter maior conhecimento do que é assistido pelas crianças na escola e conseguir dialogar com as pessoas responsáveis por elas diante de eventuais questionamentos, algo que vem ocorrendo com maior frequência nos últimos anos.

Apesar de pouco formalizada, a pesquisa foi conduzida por meio de um formulário enviado pela orientadora pedagógica das escolas⁷ a todas as profissionais diretamente ligadas às práticas de cinema ali desenvolvidas e que participam do grupo de mensagens instantâneas CinemaBetyBenjmain. A participação de 70% dessas profissionais nos proporcionou um mapa bastante interessante de como essas curadorias são realizadas.

Façamos, então, um percurso pelas perguntas e pelas respectivas respostas tabuladas.

Figura 1 – Gráfico das respostas para a pergunta: *Em que momentos do dia a TV da sala fica ligada?*



Fonte: Acervo do Projeto "Cartografias..."

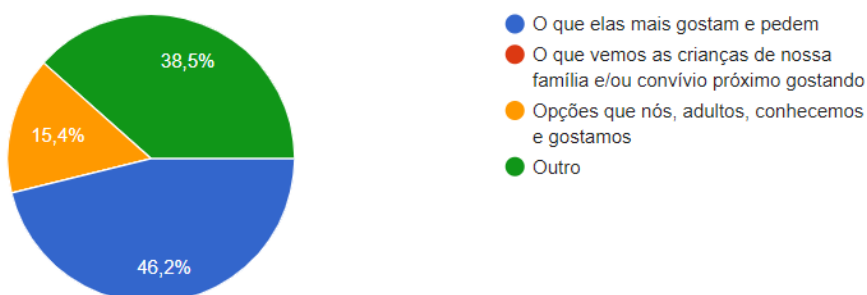
Nas sete respostas discursivas abertas às profissionais que optaram por "Outros" nesta primeira questão, podemos ler: "Muitas vezes a tevê fica ligada sozinha", "Quando não saímos da sala, a tevê fica ligada o tempo todo", "Mais no momento do sono", "Na hora do sono, com um vídeo com barulho de mar", "No período da manhã na entrada e um pouco antes do almoço, a tevê serve para acalmar".

Parece-nos importante observar a predominância da presença da tevê quando do momento de troca das crianças, momento esse sempre bastante agitado, com crianças e educadoras indo e vindo da sala para os banheiros. Segundo elas, nesses momentos, a tevê serve para entreter aquelas crianças que ficam nas salas de referência enquanto outras estão sendo cuidadas. Mais que isso, o que as educadoras escolhem exibir nas tevês nestes momentos, alvo da segunda pergunta deste mesmo formulário, se traduz em produtos audiovisuais já bastante conhecidos das crianças e aparece explicitado nas respostas: "No momento da troca procuramos vídeos que sejam da vontade deles, mais chamativos, com músicas, mais coloridos"; "Na hora da troca utilizamos vídeos para prender a atenção mesmo, pois neste momento é necessário mantê-las tranquilas para que possamos realizar a troca, já que fica um número reduzido de adultos em sala".

Importante notar também os momentos em que a televisão é utilizada para acalmar ou tranquilizar as crianças: na entrada, na hora do sono e na saída, conforme podemos ler nos comentários a esta mesma segunda pergunta: “Na saída procuramos ofertar vídeos que não sejam agitados”; “Uma programação relaxante na hora da soneca e outra mais dinâmica e interativa em outros momentos”; “Na hora da entrada colocamos desenhos calmos, com o som bem baixinho”; “De manhã colocamos a TV bem baixinho com brinquedos, para recebermos todos eles para aí então iniciarmos a rotina”. Nestes momentos – entrada, saída e sono – a tevê aparece não para entreter e chamar a atenção, mas para acalmar as crianças.

Além das que já foram trazidas anteriormente a este artigo, entre as sete respostas sobre as diferenças de programação entre distintos momentos da rotina, podemos ler: “Procuramos colocar musiquinhas”; “Histórias infantis, músicas indo (sic) e MPB”; “Sem diferença, apenas músicas, desenhos e histórias infantis”. Para melhor entender sobre esta programação, o formulário seguiu com questões sobre estas escolhas e o papel da própria criança nelas.

Figura 2 – Gráfico das respostas para a pergunta: Qual o critério que você e sua turma de colegas professoras/agentes/monitoras usa, em sua opinião, para selecionar o que será exibido para as crianças?

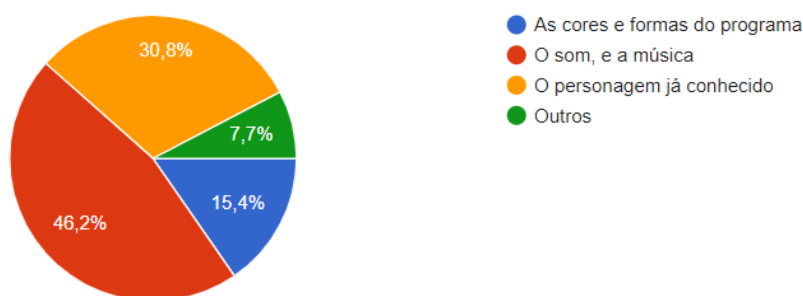


Fonte: Acervo do Projeto “Cartografias...”

As treze respostas ao item “Outros” foram completadas com as frases: “Desenhos com música”; “Músicas com ritmos variados (infantil), algumas da MPB e samba voltadas para o público infantil”; “O que conhecemos e achamos que talvez eles gostem, às vezes dá certo”; “Oferecemos o que as crianças gostam e que

sejam adequados”; “Não há”; “Eles já conhecem certos personagens e histórias, já sabem o que querem assistir”; “Programação educativa e adequada à faixa etária”; “Utilizamos todos os critérios descritos acima e ainda colocamos vídeos sobre o que estamos trabalhando em sala, sobre algo/animais que encontramos na nossa escola e até vídeos deles mesmos”; “É um pouco de cada opção, e também utilizamos para ilustrar algo que a turma está aprendendo ou sobre coisas do interesse deles que levantaram ou ainda sobre os bichinhos que encontramos pela escola. Também colocamos vídeos produzidos na escola, das próprias crianças”; “Músicas e danças que as crianças gostam e pedem”; “Às vezes eles pedem, quando vemos que é legal e próprio para a idade, deixamos”; “Nada a declarar”.

Figura 3 – Gráfico das respostas para a pergunta: Daquilo que você percebe as crianças gostando mais (prestando mais atenção, dançando junto, se acalmando...), o que você acha que é o fato mais importante para isso?



Fonte: Acervo do Projeto “Cartografias...”

Nas quatro respostas ao item “Outros” desta questão, podemos ler: “Quando há crianças atuando no vídeo, eles prestam muita atenção!”; “Os personagens conhecidos, crianças brincando e brinquedos também chamam a atenção dos pequenos”; “Imagens de crianças brincando prendem muito a atenção dos pequenos, também se houver uma conversa sobre o assunto com a turma antes, eles ficam atentos para tentar entender mais sobre. Por exemplo, quando conversamos sobre o assunto do escorpião, a atenção na hora do vídeo foi grande”; “Nada a declarar”.

Reparando nessas últimas duas perguntas que versam sobre o papel da própria criança nas escolhas de programação a partir do acolhimento de suas vontades pelas educadoras, podemos questionar sobre o que isso implicaria: estaria a escola trabalhando pela perspectiva do protagonismo das crianças ou, usando este como argumento, caindo na continuidade de se assistir na escola o que as crianças usualmente assistem em casa? Nesse caso, a escola não estaria se negando a alargar o repertório artístico-cultural das crianças pequenas, como lhe é função elencada desde a LDB até os Cadernos Curriculares que norteiam as práticas pedagógicas da Rede Municipal de Educação? Ao que contribuiria levar a escola a pensar sobre estas escolhas e hibridá-las com outras formas e tipos de imagens e sons em movimento?

Buscando esmiuçar mais o que, em geral, já acontece nas tevês das escolas, abrimos perguntas discursivas neste formulário, e algumas das respostas escritas a tais perguntas confirmam as observações e conversas informais que tivemos, ao longo dos meses de agosto a outubro de 2024, com as profissionais de diversas turmas que fazem parte do Projeto “Cartografias...” sobre estas escolhas. Observamos, por exemplo, que as crianças se mantinham mais atentas às imagens e sons da tevê quando alguma profissional da turma apontava algo ali, chamando a atenção para algo na tela, como ocorreu durante a atividade sobre o leite e seus derivados, quando foi mostrado, na televisão da sala de referência, o documentário sobre um menino que vivia numa fazenda e tirava leite das vacas. Em outra turma, ouvimos de uma das profissionais que “as crianças se acalmam com programas e músicas mais tranquilos, que são colocados na tevê em momentos de troca ou para ‘desviar’ a atenção de outra coisa que seria ‘incômoda’, como um vômito na sala”. Outra profissional nos disse que estas escolhas do que mostrar nas tevês vão mudando com a faixa etária: “No berçário a escolha tem como centralidade a musicalidade-música, por isso a escolha por ‘Bento e Totó’, ‘Mundo Bitá’, ‘Galinha pintadinha’ e o ‘Funk do Patinho’ (que são animações) e, também,

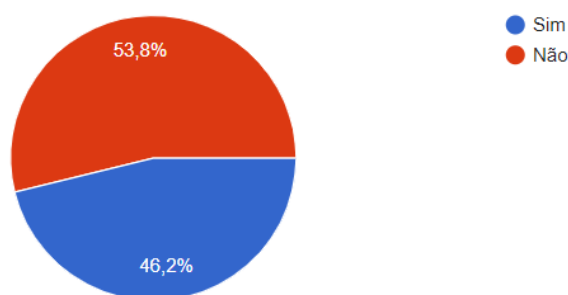
por ‘Tiquequê’ e ‘Palavra cantada’ (que são feitos com pessoas). Quando eu trabalhava com crianças maiores, notava que elas se concentram mais, daí mostrava ‘Pepa’, ‘Marshaw e o urso’ e ‘Patrulha canina’”.

Chamamos a atenção para o fato de que quase todas essas escolhas foram “em bloco”; ou seja, escolhas de séries de programas. Além disso, todas elas se efetivam em canais do *YouTube* e é o algoritmo desta plataforma que propõe outras e outras programações a partir destas escolhas iniciais, uma vez que este é o funcionamento típico de um algoritmo. As escolhas do *YouTube* também podem se dar sem que nenhuma imagem ou produto audiovisual seja escolhido previamente, tendo em vista que outra profissional, de outra turma, nos disse que “colocam na busca do *YouTube* palavras-chave como músicas e massinhas, pois são os que as crianças mais gostam e prestam atenção”.

A busca pelo apoio nas escolhas do *YouTube* nos pareceu atravessar todas as escolhas apontadas nas perguntas da pesquisa relatada aqui, mas parece se dar especialmente naqueles dias e naquelas turmas em que a tevê fica ligada mais tempo ou o tempo todo, fazendo com que todas as escolhas iniciais das profissionais já tenham sido mostradas e o algoritmo siga fazendo, ininterruptamente, novas escolhas a partir dos parâmetros dados pelos produtos audiovisuais vistos anteriormente em cada tevê. Ou seja, ainda que esteja sendo realizada pela mesma plataforma digital, a curadoria feita pelo algoritmo também varia de sala para sala, de tevê para tevê. Contudo, certamente, não varia tanto, uma vez que, todos sabemos, os algoritmos das grandes plataformas funcionam de acordo com interesses mercadológicos e massivos, fazendo com que sejam os programas e produtos audiovisuais comerciais os que são assistidos nas telas das salas de referência, uma vez que são eles que compõem a cultura visual das crianças e suas famílias, bem como da maioria de nós, profissionais da Educação.

Interessante notar, ainda no que tange às escolhas costumeiras das educadoras nas escolas, que, quando questionadas diretamente sobre se fazem escolhas de obras diferentes para cada momento da rotina escolar, pouco mais da metade das educadoras respondeu não haver diferenças, o que pode estar apontando para o fato de estarem tão familiarizadas com os produtos audiovisuais que escolhem que pouco se atentam ao porquê de realizarem tais escolhas em determinadas horas. Se assim for, podemos destacar a importância de, com este formulário e com as práticas de cinema nas escolas em geral, levá-las a olhar para as próprias práticas com mais atenção e criticidade.

Figura 4 – Gráfico das respostas para a pergunta: Há diferenças entre o que é ofertado às crianças em termos de programação em cada um destes horários?



Fonte: Acervo do Projeto “Cartografias...”.

Esta situação, oriunda da atividade do algoritmo frente à curadoria, somada à atuação das profissionais frente às diferenças entre o que elas mesmas passam para as crianças nas tevês, nos levou à segunda pergunta que atravessa este artigo: como escapar desta curadoria que faz da escola uma extensão da cultura televisiva e youtuber assistida nas casas? Afinal, como já apontamos, não caberia à escola atuar na ampliação cultural das crianças ao colocá-las em contato com outros modos de vida e de criação através de outros tipos de imagens e sons, pouco ou nada habituais nas telas de nossas tevês, computadores e celulares pessoais? Acreditamos que sim, que caberia à escola proporcionar o máximo de encontros com a diversidade que constitui o mundo que habitamos e que os produtos audiovisuais em

geral, e o cinema em particular, têm muita potência para oferecer isto, inclusive nas telas das tevês das salas de referência das escolas de educação infantil.

No entanto, estamos cientes de que, para escapar das engrenagens do algoritmo em seu funcionamento comercial, teremos que atuar nele mesmo, subvertendo-o. Daí não haver problema algum, muito pelo contrário, que o canal criado pela gestão das escolas na esteira do Projeto “Cartografias...”, Cineclube Bety Benjamin⁸, também esteja alocado no *YouTube*, assim como o canal do Programa Cinema e Educação⁹, onde estão disponíveis gratuitamente todos os filmes selecionados na Mostra Kino Campinas. Ao situar estes canais na mesma plataforma, buscamos não só nos beneficiar da gratuidade dela, mas também forçar o seu funcionamento a devir outro: menos repetitivo, mais diverso e acolhedor de estranhezas audiovisuais, tais como aquelas que já habitam algumas das tevês dessas escolas, uma vez que, conforme uma das respostas das profissionais, “também colocamos vídeos produzidos na escola, das próprias crianças”.

É a partir dessas imagens que já começaram a aparecer nas tevês da escola que estabelecemos nosso combate, a nossa subversão: fazer circular pelas telas das salas de referência as produções do cinema que vem sendo realizado em outras escolas de educação infantil. Optamos, inicialmente, por fazer circular aqueles filmes que foram selecionados e mostrados nas nove edições da Mostra Kino Campinas, nos quais aparecem muitas e muitas crianças parecidas com as da CEI Bety Pierro e da CEI Benjamin Constant, seja pela idade, seja pelo uniforme que vestem, uma vez que a maioria destes filmes foram realizados em escolas da mesma rede municipal de ensino que organiza essa Mostra, da qual trataremos a seguir.

As mostras educativas como alternativa curatorial: o caso da Mostra Kino Campinas

Em paralelo com as pesquisas e experimentações com cinema nas escolas brasileiras, houve uma ampliação significativa do número e na diversidade de mos-

tras de cinema voltadas a produções realizadas em ambientes e situações escolares. Nelas, podemos acompanhar a pujança criativa dos filmes que emergem diariamente no encontro entre cinema e escola, bem como as especificidades deles – dos filmes e dos encontros entre cinema e escola –, as quais vêm sendo pautadas em eventos e publicações (Fresquet, 2007; 2015; Walter, 2015; Migliorin; Pipano, 2019; Alvarenga, 2022; Pipano, 2023; Medrado, 2023; Jardim, 2023; Diniz, 2023) que se multiplicaram nos últimos anos, sendo algumas delas voltadas às especificidades do cinema com crianças pequenas (Grazinoli, 2021; Lobo, 2023).

São muitas e diversas as potencialidades apresentadas em cada um destes textos para o encontro entre cinema e escola: potencialidades para crianças e jovens, para professoras e comunidade, para territórios urbanos e aldeias indígenas, para a arte e a tecnologia. Destacamos, no entanto, uma potencialidade que atravessa todos eles: a potencialidade educativa que o próprio convívio com as imagens efetiva enquanto percurso de criação. Criação, sobretudo, de outros modos de ver-conversar-produzir imagens. São estas outras imagens que compõem as mostras de cinema que se fazem nas proximidades com a educação. Na maioria das vezes, elas são apresentadas no formato de filmes, ainda que eles tenham durações bem menores que as habituais, constituindo um manancial de filmes com duração entre um e cinco minutos; ou, quando muito, dez. São estes filmes de curtíssima duração que são inscritos e selecionados na maioria das mostras de cinema que acolhem as produções realizadas em ambientes e situações escolares, como é o caso da Mostra Kino Campinas, focada neste artigo.

Provavelmente por ter emergido de uma política pública de incentivo às práticas de cinema e cineclube nas escolas de uma rede pública de ensino relativamente grande, a maior parte dos filmes presentes nesta Mostra é produzida nas cerca de duzentas escolas municipais de Campinas, sendo bastante frequente nas imagens os uniformes brancos e azuis distribuídos anualmente a todos os e as estudantes. Estando em sua décima edição ininterrupta e recebendo um número cada vez maior de filmes inscritos, produzidos tanto interna quanto externamente

à Rede Municipal de Ensino de Campinas, entendemos que a Mostra Kino Campinas vem representando uma estratégia importante do Programa Cinema e Educação para incentivar a continuidade e a ampliação dos encontros entre cinema e escolas municipais.

Em artigo escrito sobre ela (Oliveira Junior; Miranda, 2021), relata-se sua história a partir dos números e das categorias de inscrição dos filmes, apontando que se estabeleceu uma aliança potente entre a Mostra Kino Campinas e a política educativa que a realiza e sustenta, devido, especialmente, ao modo como as categorias vão se alterando ano a ano, para que seus próprios enunciados sejam incentivos para que sejam experimentadas outras formas fazer cinema na escola, configurando-se assim como algo em constante recriação, conforme pode-se ler no parágrafo que encerra o referido artigo:

Tendo em vista que há uma aposta forte em mostrar (Mostra) como agenciamento, pensamos que o *território comum* do encontro Mostra/Programa é ele mesmo produtivo para *linhas de fuga*, uma vez que mostrar uma variedade de filmes conjuntamente, sem hierarquias entre eles, amplia a possibilidade delas emergirem ali, uma vez que estão permanentemente presentes, mesmo que em virtualidade, nos espectadores emancipados (Rancière, 2012) para ver-conversar-fazer aquelas e outras imagens e sons. É esta emancipação inicial, em que todos têm potência de provocar deformações e metamorfoses nas expressões e nos conteúdos dos filmes exibidos, que cada Mostra propõe. Neste sentido, podemos dizer que são menos importantes os acertos ou a adequação dos filmes, e mais importantes os desvios que estes fazem para forçar as categorias, e os filmes que nelas são inscritos e exibidos, a serem outras coisas. (Oliveira Junior; Miranda, 2021 – destaques do original).

Nossa escolha por esta Mostra como material-alvo da curadoria para a experimentação iniciada nas duas escolas participantes do Projeto “Cartografias...” não se deu somente por ser ela da mesma rede de ensino em que se inserem estas escolas, mas, sobretudo, porque grande parte dos filmes inscritos e selecionados na Kino Campinas foi realizada em escolas de Educação Infantil.

Ainda que tenha angariado público presencial e remoto ao longo de suas dez edições, os filmes desta Mostra praticamente não entraram nos circuitos audiovisuais das próprias escolas da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Isso nos levou

a experimentar experi-los nas salas de referência das duas escolas municipais onde o projeto se realiza, com o objetivo de observar o que aconteceria ali, especialmente com as crianças acostumadas a uma outra gama de produtos audiovisuais.

Quando os filmes da Mostra Kino Campinas são exibidos em sala

Em meados de setembro de 2024, propusemos às profissionais de uma das turmas da escola CEI Bety Pierro a experiência de colocar as *playlists* da Mostra Kino Campinas na televisão da sala de referência.

Cabe dizer que, para a confecção destas *playlists*, foi realizada uma seleção de filmes com crianças pequenas (ou que elas poderiam interessá-las), presentes em oito edições da Mostra Kino Campinas (da II à IX), disponíveis no canal do *YouTube* do Programa Cinema e Educação. Essa curadoria foi feita, sob supervisão do coordenador do Projeto “Cartografias...”, por duas estudantes de graduação da Unicamp, bolsistas do Projeto “Cartografias dos afetos cinematográficos do cinema no lugar-escola de Educação Infantil”, apoiado pela Diretoria Executiva de Apoio Estudantil-DEAPE/Unicamp. Após esta seleção, outro estudante de graduação, bolsista do Projeto “Rede Kino”, também apoiado pela DEAPE/Unicamp, agrupou os filmes em *playlists* com cerca de quinze minutos cada, disponibilizando-as para acesso público no canal do *YouTube* Cineclubes Bety Benjamin. Mais da metade dos filmes de cada Mostra foi incorporada a estas *playlists*.

Com as *playlists* disponíveis no canal, foi enviada a seguinte consulta, por aplicativo de mensagem instantânea, primeiramente à professora e, após a aprovação dela, às demais profissionais que atuam na turma:

Bom dia! Queria assuntar se poderíamos experimentar colocar na tevê da sala, durante minhas visitas (que serão nas quartas 11, 18 e 25/09), alguns filmes com crianças pequenas (uma boa parte delas das escolas da Rede Municipal) que foram selecionados para as Mostras Kino Campinas de anos anteriores. Estamos fazendo as *playlists* e lhes envio a seguir os links das 3 *playlists* que já estão no canal do Cineclubes Bety Benjamin. Assim vocês podem dar uma olhada antes de decidirmos se podemos fazer essa experiência e acompanhar as reações das crianças.

Com a aprovação de todas, realizamos essa experiência piloto.

Ela será apresentada nas páginas seguintes através de excertos de relatos, os quais vêm sendo uma das ferramentas de pesquisa e intervenção utilizadas no Projeto “Cartografias...”, amparado no método cartográfico (Passos; Kastrup; Tedesco, 2014; Costa, 2014; Escóssia; Kastrup; Passos, 2015). Esses relatos são escritos posteriormente à presença semanal do pesquisador em uma das turmas da escola e são postados no grupo de mensagens instantâneas CinemaBetyBenjamin, do qual participam todas as profissionais envolvidas no Projeto.

No excerto do relato do dia 11 de setembro de 2024, escrito pelo autor-pesquisador após uma manhã na turma de AGI-II, com crianças de 1 a 2 anos, podemos ler e ver:

[...] De volta para a sala, propus que assistíssemos as *playlists* com a seleção de filmes das Mostras Kino II, IV e V, as quais já se encontravam no canal Cineclube Bety Benjamin.

Colocamos a primeira *playlist*, a professora e eu nos sentamos no chão assim como uma boa parte das crianças, que assistiram aos primeiros dois ou três filmes com bastante interesse. Depois, foram se dispersando aos poucos. Uma possibilidade para isto ter ocorrido é o fato de que alguns filmes tinham o som muito baixo, o que chamava menos a atenção delas. A sonoridade, especialmente se for de uma música, atrai bastante as crianças. Isso foi notado quando começou um filme que tinha música (e o som era mais alto), momento em que as crianças foram dançar em frente à tevê. Além disso, quando a professora, alguma monitora ou eu chamava a atenção para algo na tela, muitas das crianças paravam para olhar e ficavam um tempo prestando atenção ao que se passava na tevê. Depois, dispersavam novamente. Um ir e vir de (des)atenção às imagens e sons.

As fotos a seguir foram tiradas durante os cerca de 45 minutos em que os filmes estiveram na tela da tevê.





Nelas, podemos notar momentos de muita atenção e de total dispersão diante dos filmes. Na primeira foto, vemos que quase todas as crianças estavam atentas ao que era exibido na tevê. Quando colocamos a primeira *playlist* a professora chamou as crianças para olharem para a tevê e sentou-se junto delas. Posteriormente, quando perguntei a ela: “Você notou se houve diferença de atenção a estes filmes e aos que elas estão habituadas a assistir?”, a professora me disse que, normalmente, não chama as crianças para olharem para a tevê e que, desta vez, o fez. Talvez esteja aí a chave para entender o grande interesse inicial, que foi se desfazendo aos poucos, voltando a aumentar em alguns momentos, em que havia música mais alta ou alguma imagem que chamava mais atenção das crianças. Isso ocorreu, por exemplo, com a cena da borboleta no filme “Voando em outro lugar”, realizado pela Aline Arena e disponível no canal Cineclube Bety Benjamin. No entanto, essa atenção não durou muito, como podemos ver na quinta e sexta fotos acima (início e final do mesmo filme sobre as borboletas). A narrativa contada no filme não manteve a atenção das crianças, o mesmo ocorreu com outros filmes.

Na segunda, terceira e quarta fotos, podemos notar que as crianças que miravam a tevê variaram bastante, assim como a posição corporal em que assistiam aos filmes.

A foto a seguir foi tirada quando as *playlists* da Mostra Kino Campinas finalizaram e “apareceu” na tela da tevê um programa já conhecido delas: um dos programas que as crianças pedem para ver, conforme a professora.



Mas essa atenção toda não durou até o programa acabar...

Na semana seguinte, o relato do dia 18 de setembro de 2024 trazia uma situação de exibição de produtos audiovisuais articulados com uma intenção pedagógica explícita: ativar a atenção das crianças para o leite e seus derivados. Nele podemos ler:

[...] Daí a pouco caminhamos de volta para a sala, mas, antes de chegar nela, saímos para o solário, onde estava a professora com o que haviam preparado para “aproximar” as crianças do leite, talvez porque raras delas tomam o leite oferecido em algumas refeições na escola. “Aproximar” talvez não seja o verbo mais pertinente para falar do processo educativo que se desenrolou, pois, em momento algum, o leite – aquele líquido branco – esteve presente e, ao mesmo tempo, todas as coisas – palavras, imagens, comidas... – que foram trazidas para ali diziam respeito a ele: desde as perguntas “Quem gosta de queijo?”, “Sabiam que o queijo é feito do leite?”, até o próprio queijo, servido em pequenos pedaços e comido por quase todas as crianças e adultos ali presentes, passando pelas obras audiovisuais mostradas na tevê da sala de referência: o documentário sobre um garotinho numa fazenda, onde ele tirava e bebia o leite da vaca, e um desenho animado em que uma das personagens principais era uma vaquinha.

Confesso, no entanto, que não tenho muita certeza se as crianças se “aproximaram” do leite, pois, enquanto estas imagens e sons aconteciam na sala, eu estava atento às crianças que filmavam com os celulares do projeto, os quais foram para as mãos delas logo que chegamos no solário e seguiram com elas quando fomos para a sala assistir essas obras audiovisuais. [...]

Apesar das dúvidas sobre os “efeitos” das imagens e sons sobre as crianças, as duas fotografias tiradas durante a exibição do documentário sobre o garotinho na fazenda mostram atenção à tela da televisão, com a presença e apontamentos da professora, na primeira foto, e sem ela, na segunda foto.

Figura 5 – Crianças assistindo documentário na sala de referência



Fonte: Acervo do Projeto “Cartografias...”

Ainda que a situação relatada e fotografada não se refira a filmes da Mostra Kino Campinas, optamos por trazê-la aqui por estar relacionada às estratégias docentes para uma curadoria mencionada nas respostas das profissionais – “Utilizamos para ilustrar algo que a turma está aprendendo” – e, ao mesmo tempo, evidenciar o quanto essas profissionais vêm mapeando as reações das crianças – “Quando há crianças atuando no vídeo eles prestam muita atenção!”; “Imagens de crianças brincando prendem muito a atenção dos pequenos, também se houver uma conversa sobre o assunto com a turma antes, eles ficam atentos para tentar entender mais sobre. Por exemplo, quando conversamos sobre o assunto do escorpião, a atenção na hora do vídeo foi grande”.

O assunto, neste caso, era o leite, e as duas fotos da Figura 5 mostram que a atenção das crianças foi grande, com ou sem a presença e o incentivo da professora.

Ao final do mês de outubro de 2024, propusemos às profissionais de uma das turmas da escola CEI Benjamin Constant a experiência de colocar as *playlists* da Mostra Kino Campinas na televisão da sala de referência. No excerto do relato do dia 23 de outubro de 2024, escrito pelo autor-pesquisador após uma manhã na turma de AGII-III, com crianças de 2 a 4 anos, podemos ler e ver:

[...] Quando retornamos para a sala, muitas crianças estavam com as roupas molhadas, pois chovia leve e o gramado sintético estava levemente úmido. A professora e as monitoras entraram e começaram as trocas. Na tevê passava uma animação que não me recordo. Perguntei a uma das monitoras se poderia colocar os filmes da Mostra Kino Campinas na tevê. Ela me ensinou a usar o controle remoto e assim o fiz, clicando em uma das *playlists* compostas por filmes dessa mostra. O primeiro filme mostrava uma garotinha muito expressiva em câmera fixa enquanto tocava uma música animada. Fui chamando a atenção para a personagem e para o que se passava na tela. Algumas crianças paravam e olhavam para mim e para a tevê. Em seguida, vieram outros pequenos filmes e, quando iniciou “Os caçadores”, as poucas crianças que assistiam sentadas no tapete começaram a conversar comigo e entre elas: “São baratas?” “Ele tá pegando na árvore. Devem ser cigarras.” As conversas que ocorriam no filme ficaram praticamente inaudíveis no ambiente relativamente ruidoso da sala. Quando começou o filme “Cadarcos”, um filme sem som, um maior número de crianças esteve atento às tentativas de amarrar o sapato que eram mostradas na tela. Em seguida

veio o filme “Mãos”. Ele começa com sons de pássaros e alguns textos escritos na tela, mas, em seguida, inicia-se uma música animada e uma sequência de imagens em que mãos executam distintas tarefas. Os enquadramentos são próximos e bastante coloridos. Não sei qual ou quais destas características chamaram a atenção das crianças, mas o fato é que um número muito maior delas foi sentar-se no tapete e prestou bastante atenção ao filme.

As fotos a seguir foram tiradas durante a assistência dos filmes comentados acima e, na última, podemos notar como o número de crianças voltadas para a tevê é bem maior.



Estávamos próximos da hora de nos despedirmos, então resolvi acolher o pedido de dois garotinhos que haviam se aproximado de mim algum tempo atrás e pedido: “Coloca Salulekes!”. Escrevo conforme entendi, e foi essa palavra que repeti para a monitora: “Eles pediram para colocar Salulekes. Sabe que programa é?” “Ahhh deve ser o do dinossauro Rex”. Não entendi bem o que ela falou, mas ela tomou nas mãos o controle remoto e rapidamente encontrou e colocou a animação que aparece na tevê nas fotos a seguir:



Quando fui escrever o relato, procurei no Google por alguns nomes, no entanto, não encontrei essa animação, embora tenha encontrado várias outras séries e filmes com dinossauros que atacam pessoas e outros dinossauros. Todos estavam classificados como programas para crianças. Confesso meu duplo espanto naqueles momentos finais junto à turma: primeiro, com a violência das cenas em que os dinossauros comiam pessoas que estavam caídas diante deles (ainda que o cenário fosse um parque de diversões, onde as pessoas pareciam se divertir fugindo deles) e, acima de

tudo, fique espantado com a atenção que a grande maioria das crianças dedicava àquelas imagens ruidosas e coloridas, em que o personagem principal caçava e comia humanos que caíam ao tentar fugir. Mais adiante era “abatido” por outros humanos com uma espingarda cujo tiro apenas o fazia dormir, para ser levado para outro lugar e, ali, lutava com e vencía outros dinossauros. Não me pareceu coincidência que as cores azul e vermelha e aquele símbolo com uma estrela estivessem presentes: esse tiranossauro não seria uma atualização do Capitão América?

O que nos apontam estes relatos?

O primeiro aspecto que nos salta aos olhos é a marca da rotina escolar: em todas as três manhãs, esses filmes, diferentes da curadoria habitual, foram exibidos nas tevês logo após as crianças retornarem, após brincadeiras nos pátios ou solários, para as salas de referência – “de volta para a sala”; “daí a pouco caminhamos de volta para a sala”; “quando retornamos para a sala” – para realizarem atividades que antecedem ao horário de almoço e coincidem com as trocas de fraldas ou roupas molhadas.

Interessante notar que a atenção voltada para as tevês ocorreu, especialmente, em períodos entre as atividades principais que estruturam a rotina escolar, sejam as brincadeiras em espaços externos às salas de referência, sejam os horários de alimentação.

Outro ponto que podemos extrair destes relatos é uma certa confirmação daquilo que as profissionais responderam na pesquisa sobre o que atrai mais a atenção das crianças – músicas e ruídos, cores fortes, personagens conhecidos, presença de crianças – e sobre os “hábitos e preferências audiovisuais” das crianças, mencionados no final do primeiro e do último relatos, levando-nos a perguntas acerca destes hábitos e preferências, sobretudo quando manifestam certos direcionamentos sutis associados a traços de violência contidos nas próprias imagens e personagens.

Notamos também que as crianças assistiram com atenção à maioria dos pequenos filmes que compõem as *playlists* da Mostra Kino Campinas, o que nos leva a concluir que esses filmes podem vir a compor, com tranquilidade, as curadorias

realizadas pelas profissionais, uma vez que as crianças manifestaram um interesse inicial e um posterior desinteresse muito semelhante aos (des)interesses que elas manifestam pelas produções audiovisuais que estão mais habituadas a assistir.

Por fim, os relatos mostram que as interações que as crianças tiveram com alguns desses filmes se deram tanto por terem tido sua atenção direcionada por alguma pessoa adulta quanto por questões que lhes chegaram dos próprios filmes, como as que ocorreram durante a assistência de “Os caçadores”, no qual crianças como elas, pequenas e vestidas de uniforme azul e branco, caçavam e conversavam sobre as cigarras, levando as crianças que assistiam a perguntar: “São baratas?”, e a deduzir, “Ele tá pegando na árvore, devem ser cigarras”.

(Des)continuidades possíveis

Ainda que nossa pesquisa tenha sido restrita a apenas duas escolas e nossa experimentação com outros tipos de filmes a apenas duas turmas, ambas, pesquisa e experimentação, nos forneceram algumas pistas para pensar as variadas possibilidades de curadorias para as tevês presentes na grande maioria das salas de referência em escolas de Educação Infantil.

Notamos, por exemplo, que as profissionais possuem um olhar atento às crianças e reconhecem seus gostos audiovisuais, bem como aquilo que as estimula ou não a prestar atenção, a mover o corpo e a fazer perguntas em conexão com as imagens vistas na tela da tevê. Essas profissionais, professoras e monitoras, sabem utilizar os produtos audiovisuais para criar um ambiente visual e sonoro distinto, a depender do momento da rotina e dos objetivos que têm, seja de aprendizado ou de “afetação corporal” das crianças. Mesmo sem atentar para essa capacidade de escolha, elas sabem que a programação colocada na telinha da tevê participa da educação daqueles pequenos corpos, valendo-se disso tanto em benefício das crianças quanto para a organização de suas próprias rotinas de trabalho, lançando mão de programações que acalmam e/ou entretêm as crianças.

Nas experimentações que realizamos, não houve diferença significativa de atenção entre um tipo de programação e outra – entre as curadorias feitas pelas profissionais-crianças-*YouTube* e nossa curadoria da Mostra Kino Campinas – ainda que tenha havido grande diferença em relação a certos modos de assistir (tendo alguém chamando a atenção para as imagens na tevê) e a certos produtos audiovisuais, como o “Salulekes”, o qual tem todas as características elencadas pelas profissionais como chamativas para as crianças pequenas: muitas cores fortes, música, ruídos altos e constantes, além do contato anterior em casa.

Na continuidade de nosso projeto, temos como um dos focos principais seguir propondo para as profissionais a experimentação das *playlists* da Mostra Kino Campinas com as turmas de crianças, tendo em vista, inclusive, o aumento de interesse das educadoras em inscrever filmes nessa mostra de cinema, especialmente após termos iniciado, em abril de 2024, a última etapa do Projeto “Cartografias...”: colocar as câmeras-celulares nas mãos das crianças, desde as do berçário até as das turmas de AGIII. Oportuno destacar que a maior parte das turmas e profissionais que vêm constituindo nossa comunidade de cinema (Guimarães, 2015) trabalha com crianças que estão a meio caminho destas duas pontas, tendo entre um e três anos de idade.

Considerando que estes celulares foram adquiridos com recursos do referido projeto, possuem capas e películas protetoras e estão desconectados da internet, tem sido bastante tranquilo deixá-los com as crianças de qualquer idade. Por um lado, podem cair e sujar à vontade; por outro, não há risco de alguma criança acessar um site ou rede social através deles.

Em consonância com nossos planos, duas das profissionais-monitoras de uma das escolas iniciaram, por iniciativa própria, a experimentação de exhibir, nas tevês da sala em que trabalham, os filmes realizados por elas a partir das filmagens feitas pelas crianças da turma. Elas finalizaram o filme intitulado “Agora EU” no dia 21 de outubro de 2024 e o inscreveram na Mostra Kino Campinas. Na mesma

semana, assistiram ao filme junto com as crianças, e uma delas nos enviou a seguinte mensagem:

Colocamos para eles assistirem na quarta [...]. Como eu descrevi no texto sobre o outro filme que fizemos, eles assistem com muita atenção, fazem os reconhecimentos e conversam entre si. Hoje colocamos novamente. Observamos que algumas crianças esperavam suas filmagens, pois as filmagens de algumas crianças não foram contempladas. Queremos fazer o 'Agora EU 2' rsrs, porque ficou muita coisa para trás. (trecho de mensagem enviada para o pesquisador no dia 25/10/24 por meio de aplicativo de mensagens instantâneas)

Notamos na mensagem que não bastou assistirem uma vez. Foi preciso assistir novamente...

Neste filme, com cerca de cinco minutos de duração, podemos ver filmagens das crianças e filmagens das profissionais mostrando as crianças filmando, nos fazendo notar que, para além das observações sobre como as crianças reagem aos filmes produzidos com suas próprias filmagens, tem havido entre elas um interessante movimento de reflexão sobre o que assistem, o que escolhem para as crianças assistirem e, principalmente, sobre o que o próprio processo de criar um filme tem enquanto potência educativa.

Parece estar ficando cada vez mais claro, tanto para elas quanto para nós, que esse processo de criação no encontro entre cinema e escola de Educação Infantil envolve desde a decisão de colocar as câmeras nas mãos das crianças (e nas inúmeras mediações a serem feitas *para* e *por* isso) até a montagem dessas filmagens no formato de filme (com ou sem alguma narrativa mais ou menos estruturada), passando pelos combinados coletivos de o que assistir e como efetivar essa brincadeira de filmar para, depois, assistir ao filme feito com as filmagens e, talvez, refazer a montagem, incluindo ou retirando trechos de imagens ou sonoridades.

Esse pensamento que emerge a partir da experiência do cinema na escola tem levado as profissionais a pensarem sobre o que escolhem e sobre o que expressam. Isso se evidencia nas mensagens que nos enviam, repletas de reflexões

muito interessantes sobre o próprio trabalho que realizam com as crianças, o qual está muito associado a darem atenção à alteridade de cada criança; não para mantê-la intacta, mas para alargá-la:

nosso principal objetivo era mostrar como está acontecendo o cinema aqui através do olhar dos pequenos. [...] a observação que fizemos sobre a singularidade da filmagem de cada um deles: uns filmam cabelos, outros brincquedos, outros os amigos... etc. Pudemos observar com isso que as crianças buscam filmar de acordo com a sua subjetividade, como nós adultos, cada um tem o seu próprio jeito de interpretar/olhar um quadro para fazer os seus registros. Não adianta dizer a eles filme isso ou aquilo, podem até fazer por alguns segundos, mas logo estão registrando a partir do seu ponto de vista. A lente da câmera parece ser a extensão do seu próprio olhar. (trecho de mensagem enviada para o pesquisador no dia 25/10/24 por meio de aplicativo de mensagens instantâneas)

O “Agora EU” foi nomeado assim por ser essa a frase seguidamente ouvida, no filme e fora dele, pelas profissionais, quando as crianças se aproximam delas querendo pegar o celular para filmar. Este e outros filmes realizados nos CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant, as escolas que fazem parte do Projeto “Cartografias...”, ficarão disponíveis no canal Cineclube Bety Benjamin, no *YouTube*, permitindo que, talvez, a própria plataforma os inclua em suas curadorias digitais, permitindo-nos, otimistamente, subverter o padrão de escolha determinado pelo algoritmo.

Entretanto, para que isso aconteça, há ainda muito a ser feito, seja junto às curadorias realizadas pelas profissionais para cada turma de crianças, seja junto aos algoritmos que regulam as escolhas que o *YouTube* faz para dar continuidade ininterrupta à exibição de seu “acervo”. Uma vez que as escolhas do *YouTube* não são nada aleatórias, nossa expectativa é de que consigamos entender melhor esses algoritmos de modo a utilizá-los a nosso favor e, em algum momento, fazer com que a própria plataforma atue como curadora dos filmes realizados em escolas e selecionados em mostras de cinema e educação.

Outra de nossas expectativas é aumentar a adesão das profissionais na experimentação das *playlists* da Mostra Kino Campinas em suas salas, na medida mesma que aquelas que já as experimentaram forem compartilhando os ocorridos,

os resultados observados em termos de atenção das crianças e as possibilidades que surgem para as filmagens feitas tanto por elas profissionais quanto pelas crianças em ambas as escolas.

Finalizamos este artigo apontando que, uma vez alteradas as maneiras como as profissionais realizam suas curadorias de modo a incorporar outros tipos de cinema e filmes às telas das tevês das salas de referência, certamente poderemos ampliar o contato – e, esperamos, o contágio – com acervos de outras mostras de cinema que acolhem produções realizadas *por* e *com* crianças pequenas, entrelaçando esses outros filmes aos novos filmes que ainda serão produzidos, especialmente em contextos de educação infantil.

Notas

- ¹ Como na publicação de dezenas de artigos e livros, como o “Cinema e Educação: a lei 13006 – reflexões, perspectivas e propostas” (Fresquet, 2015), o qual reuniu cerca de vinte textos de mais de trinta pesquisadoras/es e professoras/es de todo o Brasil, entre os quais destacamos os capítulos dedicados à produção por crianças (Leite; Christofoletti, 2015; Miranda, Guimarães, 2015), e os capítulos dedicados à curadoria para crianças (Fantin, 2015; Girardello, 2015; Walter, 2015), demonstrando a diversidade e a potência que este campo de estudos e experimentações já possuía. E isto seguiu se ampliando...
- ² O estabelecimento desta Mostra levou a coordenação do Programa a retomar a realização da Mostra Estudantil que era realizada pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas e havia sido interrompida alguns anos antes. Em dezembro de 2024 foi realizada a X Mostra Kino e XIV Mostra Estudantil de Cinema de Campinas. Os filmes selecionados e exibidos em quase todas as edições desta mostra estão disponíveis no canal do *Youtube* do Programa Cinema e Educação: <https://www.youtube.com/c/CinemaEduca%C3%A7%C3%A3o>
- ³ Nas buscas realizadas no portal CAPES e no Google com palavras-chave “cinema, educação infantil; cinema, crianças pequenas” encontramos uma dissertação de mestrado de 2014, em que o cinema de animação é focado como gesto de criação (Silva, 2014); três trabalhos de conclusão de curso de 2018, em que o cinema aparece como ferramenta para o aprendizado das crianças (Leal, 2018), como ferramenta para o aprendizado e para a criação das crianças (Pereira; Silva, 2018) e como prática para o aprendizado de crianças e professoras, na qual o foco são as filmagens de crianças pequenas (Lobo Baptista, 2018); uma dissertação de mestrado de 2019, em que o foco são as filmagens realizadas pelas crianças e os filmes criados na escola (Beck, 2019); uma tese de doutorado de 2021, em que o ver e o fazer cinema na escola de Educação Infantil são tomados como matéria-prima para o pensamento, concluindo eles são da ordem do imprevisível (Grazinoli, 2021). Para além destes escritos, e das variações entre eles, estas buscas trouxeram à tona-à tela outras, poucas, publicações (Walter, 2015; Leite, Chisté, 2015; Arruda *et. al.*, 2022), e alguns projetos que tomam como foco de pesquisas e experimentações as relações entre cinema e escola de Educação Infantil. Sabemos, no entanto, através de eventos e redes, que o número de autoras/es, publicações e projetos é bem maior que este... como alguns e algumas dos que aparecem neste artigo.
- ⁴ Auxílio à Pesquisa Regular Fapesp 2021/11398-1. A pesquisa foi enviada e aprovada pelo Comitê de Ética-CEPCHS, CAAE 66976623.8.0000.8142, com parecer número 5.917.675, de 28

de fevereiro de 2023. Os TCLEs e os termos de uso de imagem de todas as profissionais e de todas as crianças que aparecem nas imagens já estão devidamente assinados.

- ⁵ Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas - do espaço às filmagens, das filmagens ao espaço. Apoio Linha Ensino Público Fapesp 2018/09258-4.
- ⁶ Cezar Migliorin e Isaac Pipano o denominaram “cinema de brincar” (2019); Daniele Grazinoli o denominou “cinema skoleiro” (2021); o coletivo de autoras e autores, profissionais da Educação Infantil, o denominaram “cinema de inventar” (Lugar-escola e cinema, 2022).
- ⁷ Esta profissional é também pesquisadora associada do Projeto “Cartografias...” e uma das autoras deste artigo.
- ⁸ https://www.youtube.com/channel/UC1zksxjaLk56CaWXXmISs_Q
- ⁹ <https://www.youtube.com/c/CinemaEduca%C3%A7%C3%A3o>

Referências

ALVARENGA, Clarisse (Org.) *Aprender com imagens: práticas audiovisuais em escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte e da Terra Indígena Xakriabá*. Belo Horizonte: Editora dos Autores, 2022.

ARRUDA, Bernardino Leôncio de. Cinema na Educação Infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.8, n.09, p. 1047-1059, set. 2022. doi.org/10.51891/rease.v8i9.6932

BAPTISTA, Liana Lobo. *Filmagem e primeira infância: O que podemos aprender com a prática audiovisual de crianças de 3 anos?* Niterói: Universidade Federal Fluminense; 2018. 50 págs. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social/Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

BECK, Karla Lopes. *Um convite ao labirinto: experiências cinematográficas na educação infantil*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019. 152 págs. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar, Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV - Santa Maria*, vol. 7, n.2, p. 66-77, mai./ago.2014. <https://doi.org/10.5902/1983734815111>

DELIGNY, Fernand. *Permitir Trazer Ver*. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2009.

DINIZ, Katherine. *Ctrl + Alt + Tecnologias: um laboratório de cinema na escola pública*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

ESCÓSSIA, Lílilana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Meridional, 2015.

FANTIN, Monica. *Cinema e infância na escola: algumas questões sobre a escolha dos filmes para crianças*. In: FRESQUET, Adriana. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

FRESQUET, Adriana. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

FRESQUET, Adriana; JARDIM, Gustavo; NAKACHE, Débora. Curar as imagens para e com as escolas. D'ANGELO, Raquel Hallak; D'ANGELO, Fernanda Hallak (orgs.) CINEOP – 18 Mostra de Cinema de Ouro Preto (Catálogo). Belo Horizonte: Universo Produções, 2024.

FRESQUET, A. et. al. (Orgs.). *Imagens do desaprender*. Uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro: Book-link/CINEAD-LISE-FE-UFRJ, 2007.

GIRARDELLO, Gilka. *Encontrar, escolher e articular filmes brasileiros para crianças*: notas a partir de uma curadoria. In: FRESQUET, Adriana. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

GRAZINOLI, Daniele de Carvalho. *Cinema skholeiro*: experimentação do tempo infância na Educação infantil. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2021. 207 págs. Tese (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GUIMARÃES, C. O que é uma comunidade de cinema? *Revista EcoPós*, v. 18, n. 1. p. 44-56, 2015. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i1.1955>

JARDIM, Gustavo. *A imagem emaranhada*: territórios e singularidades em cinema e educação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

LEAL, Daniele Guimarães Donati. *Educação Infantil*: o cinema como aliado na construção do conhecimento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2018. 50 págs. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Mídias na Educação) – Curso de Especialização em Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LEITE, César Donizetti Pereira; CHRISTOFOLETTI, Rafael. *Pra que cinema?* O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteiras de encontros. In: FRESQUET, Adriana. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

LEITE, César Donizetti Pereira; CHISTÉ, Bianca. Imagens de crianças: travessias do universo infantil. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 272-279, maio-ago. 2015. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.2.17764>

LOBO, Liana. *Montaulas*: cenas de educação audiovisual com crianças. Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

LUGAR-ESCOLA E CINEMA, Projeto. *Cadernos de dispositivos de cinema na educação infantil*. Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas”. Campinas: Programa Cinema e Educação/Secretaria Municipal de Educação, 2022. Disponível em: https://educa.campinas.sp.gov.br/sites/educa.campinas.sp.gov.br/files/2022-05/EBOOK_Cadernos%20de%20dispositivos%20de%20cinema%20na%20EI_Folhas%20Individuais.pdf Acesso em 23 out 24.

MEDRADO, Arthur. *Cinema e contra-monumento*: inventários e cartografias com Olhares (im)possíveis (pesquisa-intervenção em Ouro Preto-MG – 2017-2022). Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. *Cinema de brincar*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; GUIMARÃES, Luiz Gustavo. *Cinema na escola*: da formação de professores para prática escolar. In: FRESQUET, Adriana. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. A aliança potente entre uma mostra de cinema e uma política educativa: os números e as categorias de filmes da Kino Campinas. *Revista Roquette-Pinto*, v. 1, p. 6-16, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2021/10/1-A-Alianca-Potente-Entre-uma-Mostra-de-Cinema-e-um-Programa-Educativo-Os-Numeros-e-as-Categorias-de-Filmes-da-Kino-Campinas-6-16.pdf> Acesso em 27 out 24.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Duas escolas em devir cinema aproximações de pesquisa em um lugar-escola. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, IX,

2018, Rio de Janeiro. *Anais do IX Colóquio Internacional de Filosofia e Educação*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias [NEFI], 2018. v. 1. p. 1-18.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do Método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. VOLUME 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PEREIRA, Ana Paula da Silva; SILVA, Gabrielle Cristine. *Luz, câmera e educação: um olhar sobre a relação cinema e Educação Infantil*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2018. 76 págs. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Setor de Educação/Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PIPANO, Isaac. *Isso que não se vê: teorias para cinemas e educações*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SILVA, Nádia Massagardi Caetano da. *Criação e(m) educação: quando a mágica acontece. Um convite ao labirinto: experiências cinematográficas na educação infantil*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014. 163 págs. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

WALTER, Fernanda Omelczuk. *50 curtas para uma infância alternativa (e para uma alternativa de infância)*. In: FRESQUET, Adriana. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

WALTER, Fernanda Omelczuk. O lugar do pedagógico nos filmes feitos para crianças. *Pro-Posições*, v. 26, n. 3 (78), p. 185-204, set./dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507809>

Wenceslao Machado de Oliveira Júnior

Doutor em Educação (1999 - Unicamp) e graduado em Geografia (1987 - UFJF). Atualmente é Professor Titular no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, ambos da Faculdade de Educação/Unicamp. Pós-doutor pelo Departamento de Geografia da Universidade do Minho/Portugal (2015) e Pós-doutor pelo PPGCine-UFF (2022), realizado junto ao Kumã-Laboratório de pesquisa e experimentação em imagem e som, com o projeto "Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil - entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte", o qual teve continuidade no Pós-doutorado junto ao Instituto de Geografia da Universidad de Buenos Aires (2022) e na pesquisa homônima iniciada em 2023 em duas escolas públicas de educação infantil. É integrante da Rede Latinoamericana de Educação, Cinema e Audiovisual-Rede Kino e da Rede Imagens, Geografias e Educação. Pesquisa as relações e experimentações entre cinema e escola, tomando a escola como um lugar, articulando com atividades extensionistas juntos ao Programa Cinema e Educação, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, tendo coordenado, em duas escolas dessa Rede de ensino, o projeto "Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas", entre 2019 e 2021.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8640-4756>

E-mail: wenceslao.oliveira@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8393924363511719>

Gabriela Fiorin Rigotti

Doutora em Educação (2013), Mestre em Educação (2006) e Pedagoga (2002), todos pela Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). Atualmente trabalha como Coordenadora Pedagógica



pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas, integrando o Programa "Cinema e Educação". Trabalha também como Coordenadora de Pós-Graduação e como docente adjunta na área de Educação na FIMI-Mogi Guaçu/SP. É membro do Conselho Editorial da revista "Leitura: Teoria Prática", da qual foi editora. Participa ativamente da LiLeB-Câmara Setorial Temática do Livro, Leitura e Bibliotecas e do CTAv - Câmara Setorial Temática do Audiovisual, que fazem parte do conjunto de Câmaras ligadas ao Conselho Municipal de Cultura de Campinas-CoMCult. Estuda as relações entre educação, comunicação, arte e cultura com ênfase em: educação superior, permanente e profissional; educação, arte e cultura - imaginário e criações em fotografia, cinema e literatura; igualdade de gênero e empoderamento feminino.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1964-1601>

E-mail: gabi.frigotti@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4503768645766124>

*Recebido em 15 de novembro de 2024
Aceito em 27 de fevereiro de 2025*

